

Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Arte > Obra > Fluxos

Local: Museu Nacional de Belas Artes,
Rio de Janeiro,
Museu Imperial, Petrópolis, RJ
Data: 19 a 23 de outubro de 2010

Organização:
Roberto Conduru
Vera Beatriz Siqueira

texto extraído de

**Sobre posições:
objetos em fluxo,
espaços em refluxo**

As primeiras encomendas portuguesas em porcelana azul e branco da China

Maria Fernanda Lochschmidt
MASP/ UNESP

Resumo

As primeiras porcelanas azul e branco da China para Portugal portavam as insígnias dos empreendedores das viagens ao Oriente: da coroa e da igreja católica.

Da proibição comercial de 1522 até a concessão de Macau 1557 surgem inscrições na decoração.

Circa 1557 até o declínio marítimo português 1610 introduz-se formas de objetos utilitários trazidos a bordo.

Até 1710 motivos e formas européias ingressam no repertório.

Cria-se a porcelana em Meissen, e a chinesa, adaptando-se ao mercado, adquire aparência européia.

Palavras chave

porcelana; Portugal; China

Abstract

The first Chinese blue and white porcelains for Portugal bore coat of arms of the Far Eastern journey financiers: the Portuguese Crown and the Catholic Church.

From trade prohibition 1522 to Macau's concession 1557 inscriptions appear as decoration.

From 1557 to Portugal's maritime power decay in 1610, utilitarian objects shapes brought on board are copied.

Up to 1710 European motives and forms are introduced.

When porcelain is discovered in Meissen, the Chinese adapt to market requirements giving their porcelain European appearance.

Key Words:

porcelain; Portugal; China

este trabalho não teria sido possível sem a extensa bibliografia da Dra. Maria Antônia Pinto de Matos, maior especialista em porcelana chinesa na língua portuguesa.

Portugal foi o primeiro país europeu a encomendar porcelana da China. No entanto, nunca formou uma Companhia das Índias: suas viagens eram patrocinadas pela coroa e pela igreja católica, contando com ajuda financeira privada.

Após assinar o Tratado de Tordesilhas em 1494, os portugueses partem em busca de especiarias e riquezas, e descobrem a rota que contorna a África, passando pelo Cabo de Boa Esperança para chegar ao Oriente.

Ao regressar de sua viagem à Índia de 1498, Vasco da Gama presenteia o rei D. Manuel I com porcelanas adquiridas em Calicut, onde chineses tinham uma feitoria conhecida como “Chinacotta”.

Após essa histórica viagem, a coroa portuguesa intensifica suas viagens ao Oriente.

Em 1511 Alfonso de Albuquerque conquista Malaca recebendo ajuda da comunidade chinesa que ali residia.

A partir de então, as viagens dos portugueses ao Império do Meio começam a ser feitas desde Malaca.

Para o presente estudo é importante lembrar de dois fatores: primeiro, que o comércio e as rotas mercantis no sudeste asiático já se encontravam bem estabelecidos antes da chegada dos portugueses. Eles não aportaram, ao menos no início, grandes mudanças no sistema. A princípio do século XVI eram os chineses de ultramar, residentes em cidades portuárias, que dominavam o comércio da área¹.

Segundo, a xenófoba administração Ming mantinha fechados quase todos os seus portos para o comércio exterior, somente abrindo exceções interessantes ao estado. Esta proibição permaneceu de maneira ineficaz até 1567, havendo sempre comércio ilegal².

Desde o século XIV, Jingdezhen assume o monopólio da produção de porcelana na China.

Entre 1325 até 1700, as porcelanas mais produzidas e exportadas eram as decoradas com azul de cobalto sob vidrado³.

A data 1325 é vista pelos especialistas como o início da produção em grande escala de azul e branco. A prova é que na carga de um navio mercante afundado em 1323 não foram encontradas do tipo⁴.

As primeiras encomendas dos portugueses correspondem ao período do reinado do imperador Zhengde (1506 – 1521).

A qualidade geral das peças para exportação deste período não são reconhecidas como boas. Elas têm o vidrado leitoso, o cobalto grisalho e a pintura

1 FELDBAUER, Peter, Die Portugiesen in Asien 1498-1620, 2005, p.38.

2 BREINDL, Walter, Die Beziehungen Portugals und Spaniens mit China im 16 Jahrhundert, 1990, p.58, 66

3 HOWARD, David Sanctuary, Chinese Armorial Porcelain, v.I, 1974, p.36

4 CARSWELL, John, Blue and White, Chinese Porcelain around the World, 2000, p.17.

com aparência borrada. Estas características se prolongam até os primeiros anos da era Jiajing (1522 – 1566)⁵.

As primeiras encomendas portuguesas têm a forma e decoração chinesas e levam como elementos estrangeiros somente as insígnias dos empreendedores das viagens ao Oriente. Isto é, da coroa portuguesa e da igreja católica, aparecendo os motivos da esfera armilar de D. Manuel I e o brasão real português, as iniciais “JHS” Jesus Hominum Salvator, e uma paisagem mal decifrada.

Na minha opinião, o primeiro pedido feito foi um conjunto de pratos de dois tamanhos, tendo os grandes entre 51 e 53 cm de diâmetro, e os menores 30,5 a 31,5 cm.

Os pratos foram datados pelos especialistas entre 1520 – 1540. Penso, no entanto, que podem ser de 1510 – 1530.

O que me faz crer que se trata das peças mais antigas encomendadas pela coroa portuguesa é a decoração e características típicas da porcelana por volta do ano de 1500.

Os pratos maiores foram decorados com peônias no tardo, e no caso do prato do British Museum, no centro. As peônias foram desenhadas com o traço fluente característico das porcelanas das eras dos imperadores Hongzhi (1498 – 1506) e Zhengde (1506 – 1521)

Nesses pratos o motivo dos leões brincando com bolas de brocado – decoração bastante comum no repertório chinês – tendem mais ao estilo Zhengde (1506 – 1521) do que Jiajing (1522 – 1566).

A pintura dos pratos menores, que por ora parecem borradas, também correspondem ao estilo começo do século XVI.

Por último, o cobalto de tom grisalho e o vidrado leitoso são características típicas da porcelana para exportação da era Zhengde (1506 – 1521).

Historicamente também é factível que as primeiras encomendas tenham sido efetuadas desde Malaca, antes da chegada dos portugueses à China, por meio de comerciantes que atuavam na área.

Prova disso é um prato com características idênticas aos grandes pratos acima descritos, mas sem as insígnias portuguesas, que se encontra nas Filipinas e foi datado Zhengde (1506 – 1521)⁶.

Outras peças que datam dos primeiros encontros entre lusitanos e chineses é um gomil da era Zhengde (1506 – 1521), outro gomil de forma levemente diferente e uma garrafa contemporânea “cabeça de alho” do acervo do Museu Nacional de Jacarta, ambos de 1520 – 1550 e finalmente uma jarra do Metropolitan de Nova York de 1540 – 1550.

Como referência para datação do primeiro gomil, existe no acervo do Topkapi Saray em Istambul um gomil de idêntica forma e tamanho ao primeiramente nomeado, sem emblemas portugueses, da primeira metade do século XVI⁷.

5 BATTIE, David, *Sotheby's grosser Antiquitätenführer Porzellan*, 1991, p.27.

6 GOTUACO, TAN, DIEM, *Chinese and Vietnamese Blue and White Ware found in the Philippines*, 1997, p. 91.

7 KRAHL, Regina, *Chinese Ceramics in the Topkapi Saray Museum, Istanbul*, 1986, p. 591

O primeiro gomil tem o vidrado leitoso, o cobalto grisalho e a decoração feita sem maior cuidado, características típicas das porcelanas Zhengde (1506 - 1521).

Já as três peças restantes têm a porcelana de melhor qualidade, o cobalto de azul brilhante e foram decorados com maior cuidado, o que os faz típicos produtos da era Jiajing (1522 -1566)¹

Em 1522, após uma série de contratempos e mal-entendidos, os portugueses são expulsos e proibidos de ingressar na China.

Apesar disso continua sendo feito o comércio de forma clandestina. Várias peças datam deste período de restrições que durará até 1552, quando Leonel de Souza negocia em Cantão a concessão da ilha de Macau aos portugueses.

Após a morte do rei D. Manuel I, assume D. João III (r. 1522 – 1557), que leva uma política mais pragmática do que seu antecessor, mostrando mais interesse em relações comerciais do que em conquistas.

As encomendas desta época já têm a qualidade das porcelanas de exportação da era Jiajing, isto é, possuem o corpo mais branco, o azul de cobalto mais brilhante e a pintura feita com mais cuidado.

Além dos emblemas da coroa e da igreja, aparecem inscrições em latim ou português.

Um gomil de 1540 – 1550 com as iniciais “JHS”, pode ter sido encomendado por ordens católicas lusitanas para os rituais da missa.

Da mesma época data um conjunto de taças e escudelas, com as inscrições “Ave Maria Gracia Plena” e outras “Em Tempo de Pedro de Faria 1541” na borda.

É interessante notar que taças da mesma forma – apenas um pouco menores e com idêntica disposição da decoração, foram exportadas nessa época para o Oriente Médio.

No Museu Nacional de Teerã existe uma tijela de características semelhantes, só que em vez das insígnias portuguesas, ela porta inscrições ilegíveis em árabe².

Isso indica que a exportação de porcelanas chinesas no século XVI já era feita em forma massiva, adaptando apenas detalhes da decoração para atender os requerimentos dos diferentes mercados.

A forma dessas taças é comum no repertório chinês. A terceira variante com asas, no entanto, possivelmente foi produzida seguindo um modelo de escudela em metal semelhante às utilizadas na Europa e também pelos marujos nos navios.

Se fôr o caso, trata-se da primeira forma européia a ser copiada em porcelana chinesa para o mercado europeu.

Referente também a uma das escudelas - especificamente a que se encontra no Museu Rainha D. Leonor – opino que os cavaleiros pintados são homens europeus e não chineses. VIDE IMAGEM 1

As seis garrafas extantes com a inscrição “Isto mandou fazer Jorge Álvarez Reina 1552”, foram encomendadas pelo capitão Jorge Álvarez em memória de seu ilustre companheiro de viagem São Francisco Xavier, que falece nessa data nas vizinhanças de Cantão.

Do ponto de vista decorativo, as garrafas são um exemplo do repertório utilizado a meados do século XVI.

Por volta de 1550, a China vive um período de grande expansão econômica. Existe um forte incremento do comércio e a classe mercantil sobe na escala social. Com isso, a produção de porcelanas para o mercado interno aumenta consideravelmente⁸.

Em 1557 Macau é concedido aos portugueses, dando início a uma nova era na relações diplomáticas e comerciais entre os dois países. A partir daí intensificam-se as viagens dos lusitanos à China.

Muitos navegantes recebem títulos de nobreza, surgindo os brasões familiares nas porcelanas de encomenda.

Paralelamente, ordens religiosas estabelecem-se em Macau e também realizam seus pedidos.

Com isso, as encomendas tornam-se mais numerosas, as formas mais diversificadas, e novas rotas marítimas são abertas para atender novos clientes.

Um gomil com os brasões da família Peixoto têm elementos decorativos incomuns, como um triângulo trabalhado e moedas entrelaçadas.

Um triângulo idêntico aparece em uma caixa de porcelana imitando um lingote de prata, feita para o crescente mercado doméstico chinês de meados do século XVI⁹. Isto indica que motivos preferidos do consumidor doméstico chinês começam a aparecer nos produtos para exportação.

A qualidade da porcelana durante o longo reinado do imperador Wanli (1573 – 1619) varia muito. Pela primeira vez a quantidade passa a ser mais importante do que a qualidade¹⁰.

Como resultado, existem porcelanas feitas para o mercado privado que são melhores do que as destinadas à Cidade Proibida.

O prato de Matias de Albuquerque, datado fins do século XVI, cujo brasão toma conta da peça sem deixar espaço para decoração adicional, é um indicador da auto-confiança e importância que gozavam os navegadores portugueses na época.

Em 1580, quando o rei D. Sebastião morre sem deixar sucessor, Portugal é subordinado à coroa espanhola até 1640, quando se independiza.

Após fundar o seu convento em Macau, em 1589, religiosos espanhóis da Ordem dos Agostinhos encomendam várias peças em diversas formas com o seu brasão, que incluem potes com pelo menos quatro formas distintas e três tipos de pratos.

Um dos pratos é grande, de covo alto e convexo, com abas amplas e retas. Esta forma ainda não existe no repertório chinês. É bem provável que este tipo de prato tenha sido feito seguindo modelo em metal usado na Europa e trazido nos navios¹¹.

8 MACINTOSH, Duncan, *Chinese Blue and White Porcelain*, 1994, p. 82

9 WANG, Qingzheng, *A Dictionary of Chinese Ceramics*, 2004, p.69

10 MACINTOSH, Duncan, *Chinese Blue and White Porcelain*, 1980, p. 58

11 KILBURN, Richard, *Transitional Wares and their Forerunners*, 1981, p. 25

Garrafas com os brasões da família Vilas Boas e Faria ou Vaz, datadas 1590 – 1610, também seguem padrões ocidentais. Elas têm a mesma forma quadrada das garrafas de vidro utilizadas para armazenar bebidas alcólicas, artigos que também eram transportados nos barcos.

Existem poucas peças em estilo “kraak” – normalmente identificado com as encomendas holandesas – que levam brasões portugueses.

Conhecem-se no entanto quatro pratos, um kendi e uma tijela com decoração típica da era Wanli (1567 – 1620), datados fim do século XVI ou começo do XVII.

Um dos pratos e a tijela, foram decorados com o intrigante motivo da hydra e levam as inscrições “Sapienti nihil novum” – para o sábio nada há de novo.

O prato fazia parte do conjunto do famoso teto do Palácio de Santos – hoje sede da Embaixada da França em Lisboa – e trata-se da única peça com motivos decorativos não chineses dessa coleção.

A tijela, que faz parte do acervo do British Museum, aparece em uma pintura holandesa de W.C. Heda de 1638, razão pela qual ainda se duvida se essas peças são encomendas portuguesas ou holandesas¹²

Por volta de 1610 os portugueses começam a perder as rotas comerciais para os holandeses e a dinastia Ming aproxima-se ao fim. A Cidade Proibida e o mercado doméstico diminuem drasticamente suas encomendas e os ceramistas de Jingdezhen têm de procurar novos clientes.

A literatura denomina o período entre 1620 até 1683 – quando os fornos de Jingdezhen entram em desfunção até a sua reorganização sob a administração Qing – como “Período de Transição”.

A qualidade da porcelana produzida pelos fornos privados de Jingdezhen são de relativa baixa qualidade até 1632.

No entanto, de 1633 até 1683, quando os holandeses assumem o monopólio do comércio, a qualidade melhora visivelmente¹³.

A partir de 1610 as porcelanas encomendadas adquirem formas mais sofisticadas, e começa-se a dar ênfase a aplicações plásticas.

Novos motivos estrangeiros são incluídos no repertório decorativo. Emula-se a ornamentação da porcelana de Médici, das faianças Iznik da Turquia e aparecem as famosas “flores européias”, entre as quais está a tulipa, que faz verdadeiro furor.

De 1610 – 1630 datam potes com cabeças de anjos incrustadas, provavelmente encomendadas pelos jesuítas portugueses.

Dois gomis gêmeos contemporâneos dos potes, do acervo do British Museum, têm a forma parecida a das faianças portuguesas e as alças lembram a silhueta de Cristo crucificado de estátuas em marfim produzidas em Goa.

Ainda há dúvidas sobre quem encomendou as garrafas com o brasão de Felipe II, rei de Espanha (1556 – 1598) e rei de Portugal (1580 – 1598). Autores divergem ao explicar se foi encomenda holandesa, portuguesa ou espanhola.

12 LION-GOLDSCHMIDT, Daisy, *Les Porcelaines Chinoises du Palais de Santos*, Arts Asiatiques, Tome XXXIX, 1988, p. 44

13 LITTLE, Stephen, *Chinese Ceramics of the Transitional Period 1620 – 1683*, 1984, p.1

Existem duas versões dessas garrafas: uma com flores e insetos, e a outra com letrado e servente em paisagem, no verso do brasão.

As garrafas foram decoradas com tulipas, cujos hastes parecem prolongações da cruz no brasão.

A forma incomum – que não é chinesa – resultaria da montagem de formas pre-existentes para obter um objeto parecido às garrafas com brasões que os europeus usavam no fim da era medieval.

Enquanto à datação, não tenho dúvidas de que se trata de peças do início do Período de Tradição, isto é, entre 1621 e 1633.

A existência de uma terceira garrafa, de idêntica forma, mas sem brasão e com decoração floral típica da era Tianqi (1621-1627) e começo Congzhen (1627 – 1633) o confirma¹⁴. VIDE IMAGEM 2

Tulipas também decoram garrafas de 1620 – 1644, cuja forma deriva provavelmente de um protótipo europeu, pintadas com uma iconografia cristã complexa. Podem ter sido encomendadas pelos Dominicanos, já que na decoração aparece um cão com uma tocha acesa na boca, símbolo de Santo Dominico.

Potes de 1620 – 1644, com heráldica dos jesuitas contidas em medalhões, foram decorados com um motivo floral que lembra os arabesques da porcelana de Médici de fins do século XVI e de faianças italianas.

A última fase deste estudo cobre o período entre a reorganização de Jingdezhen, em 1683, ao fim do mandato do imperador Kangxi (1662 – 1722).

O inspetor Zang Yingxuan é enviado pela corte Qing a Jingdezhen para regularizar a produção e o funcionamento dos fornos.

Paralelamente os manchús se mostram favoráveis ao comércio, permitindo a instalação de feitorias estrangeiras em seus portos.

Os portugueses, agora ricos com o ouro descoberto no Brasil que desembarca em Lisboa em 1699, encomendam vários serviços em porcelana da melhor qualidade, destinados à corte portuguesa, ao clero e à aristocracia.

Em 1710 descobre-se a porcelana em Meissen, na Alemanha, obrigando os produtores chineses a se adaptarem ao mercado para manterem a competitividade do seu produto.

Esta fase, enquanto à aparência da porcelana de encomenda, sinaliza o fim da transição da aparência chinesa à completamente européia.

Apesar de se continuar pedindo peças de tipo chinês, começam a parecer as que possuem decoração e formas totalmente européias.

Os pratos com os brasões da família Pinto, datados entre 1690 e 1700, são um exemplo de decoração e forma chinesas.

Já outro grupo de peças datadas entre 1690 e 1720 encomendadas para Portugal e a colônia do Brasil, têm motivos decorativos não chineses e suas formas derivam de protótipos europeus. Esse é o caso de uma bacia de 1690-1710, copiada de um protótipo em prata, com as armas de D. Rodrigo da Costa, na Fundação Oriente em Lisboa. VIDE IMAGEM 3

Desta maneira, a porcelana fabricada na China começa a parecer européia.

¹⁴ LITTLE, Stephen, *Seventeenth Century Landscape Painting and the Decoration of Chinese Ceramics*, 1995, p.13



Pedro de faria

Tigela com as inscrições "Em tempo de Pedro de Faria
1541", 7,5 cm de altura, 16,5 cm de diâmetro
Museu Rainha D. Leonor



**Garrafa com o brasão de Felipe II (1621 – 1633),
ca. 31 cm de altura,
Fundação Oriente**

**Garrafa de referência à de Felipe II, com decoração
típica do começo do Período de Transição (1621 – 1633)
Leilão Christie's South Kensington 14 novembro 2003**



Bacia com forma e decoração portuguesas (1690-1710)
42 cm de diâmetro
Fundação Oriente